

**(Des)subjetivação pelo trabalho na era da uberização em
Você não estava aqui, de Ken Loach**

The (un)subjectivation through work in the uberitation era in
Sorry, we missed you, by Ken Loach

La (des)subjetivación a través del trabajo en la era de la uberización
en *Sorry, we missed you*, por Ken Loach

Sabrine Weber

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil)

sabrinegweber@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5708-0759>

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura do filme *Você não estava aqui* (2019), do cineasta inglês Ken Loach, para discutir relações acerca dos processos de subjetivação e dessubjetivação pelo trabalho na era da uberização, em que se evidencia a ascensão de discursos de autoempendedorismo. A análise é realizada por um suporte teórico foucaoutiano, articulando com o conceito marxista de alienação. Para isso, são descritos o contexto de produção e o enredo, com foco nas ações realizadas pelo protagonista. A análise traz à tona o modo que a obra representa as consequências das relações de poder implicadas no cenário trabalhista pós-moderno, como a reidentificação do desempregado à condição de trabalhador autônomo. Esse lugar que, aparentemente, reserva-se a uma ilusória liberdade, encaminha o sujeito a um dessasujeitamento e, por conseguinte, instaura uma nova forma de controle de si.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Trabalho. Ken Loach. Neoliberalismo.

* Sobre a autora ver página 182.



ABSTRACT

*This paper analyses the movie *Sorry, we missed you* (2019), by the English filmmaker Ken Loach, to discuss relations about the processes of subjectivation and desubjectivation through work in the era of uberization, in which the rise of self-entrepreneurial discourses is evident. The analysis uses Foucault's theories, articulating it with the Marxist concept of alienation. For this, the production context and the plot are described, focusing on the protagonist's actions. Finally, it brings to light the way that the work represents the consequences of power relations implied in the post-modern work scenario, such as the re-identification of the unemployed to the condition of self-employed worker. This place, which, apparently, is reserved for an illusory freedom, leads the subject to unsubjectivation and, therefore, establishes a new form of self-control.*

KEYWORDS: *Subject. Work. Ken Loach. Neoliberalism.*

RESUMEN

*Este artículo es una lectura de la película *Sorry, we missed you* (2019), del cineasta inglés Ken Loach, para discutir las relaciones sobre los procesos de subjetivación y desubjetivación por medio del trabajo en la era de la uberización, en la que los discursos autoempresarios son evidentes. El análisis se realiza con un soporte teórico foucaultiano, lo articulando con el concepto marxista de alienación. Para ello, se describe el contexto de producción y la trama, centrándose en las acciones realizadas por el protagonista. El análisis presenta la forma en que el trabajo representa las consecuencias de las relaciones de poder implícitas en el escenario laboral posmoderno, como la re-identificación del desempleado a la condición de trabajador autónomo. Este lugar, aparentemente reservado a una libertad ilusoria, lleva al sujeto a tal sujeción y, por tanto, establece una nueva forma de autocontrol.*

PALABRAS CLAVE: *Sujeto. Trabajo. Ken Loach. Neoliberalismo.*

1 Introdução

*O amor que passa, a vida que pesa, a morte que pisa.
Há dores inevitáveis, e é assim mesmo, e não tem jeito.
Mas as autoridades planetárias acrescentam a dor à dor, e ainda
por cima nos cobram por esse favor.
Em dinheiro pagamos, a cada dia, o imposto do valor agregado.
Em infelicidade pagamos, a cada dia, o imposto da dor agregada.
A dor agregada se disfarça de fatalidade do destino, como se fossem
a mesma coisa a angústia que nasce da fugacidade da vida e a
angústia que nasce da fugacidade do emprego.*

(Galeano, 2008)

A epígrafe que inicia este artigo corresponde ao poema “O imposto global”, do livro *Espelhos: uma história quase universal*, de Eduardo Galeano. Como uma das últimas publicações do autor em vida, a obra fornece uma visão densa da condição humana, das múltiplas formas de opressão e da

infinita diversidade de experiências de luta e de resistência pela voz de subalternos contra a injustiça e a indignidade do mundo pós-moderno. Desse modo, como parte da obra, o fragmento do poema indaga sobre o sofrimento psíquico humano não ser arbitrário, aleatório e explicado por uma dimensão individual. Assim, ao criticar a equidade colocada entre a “angústia que nasce da fugacidade da vida” com a “angústia que nasce da fugacidade do emprego”, indica que a explicação do sofrimento está na vida social e não em um estilo de vida ou em uma fatalidade do destino. Esses princípios são defendidos pela perspectiva da Determinação Social do processo Saúde-doença, a qual esclarece que o modo como se organiza a produção social da vida em cada momento histórico implica em diferentes modos de viver, adoecer e morrer que se alteram de acordo com as estruturas socioeconômicas no decorrer da história (LAURELL, 1983). Neste artigo, embora não nos debrucemos sobre a perspectiva, ela contextualiza a representação de adoecimento psíquico comum em trabalhadores informais e autônomos, situação que cresce gradativamente diante da ascensão do neoliberalismo. Tal contexto torna-se cenário no último filme do diretor britânico Ken Loach, *Você não estava aqui* (2019), o qual é base para mobilizar reflexões sobre tensões que emergem da relação entre sujeito e poder diante de práticas hegemônicas neoliberais.

Alguns movimentos como o dos trabalhadores informais desenvolvem-se no lugar político identificado e defendido por Agamben (2000) de *indiferenciação* e, neste espaço, apresenta uma possibilidade de pensar uma biopolítica menor, na qual “o Estado funciona como uma máquina de dessubjetivar” (AGAMBEN, 2000, p. 4). Tal discussão é amparada, necessariamente, nos estudos de Foucault sobre o Nascimento da biopolítica (1979). Nesse sentido, nas hipóteses de análise aqui apresentadas, interessamos refletir acerca de conceitos foucaultianos de “subjetivação” e os limites impostos pelo poder. Serão ainda mobilizadas, para tecer as reflexões acerca do enredo representado no filme, abordagens marxistas de alienação pelo trabalho e, por fim, procurar traçar um entremeio na forma de resistência entendida para Foucault e na luta de classes da perspectiva marxista. Destaca-se, ainda, que este texto não se dedica a uma análise de categorias cinematográficas e, logo, ao não usar fundamentação teórica e metodologia da área do cinema, propõe-se a reflexões limitadas ao recorte discursivo.

Dito isto, a hipótese-base que norteia este trabalho é a seguinte: a narrativa fílmica analisada traz para o primeiro plano as fissuras e disputas no campo trabalhista na relação entre sujeito, o qual se vê, na aparente promessa de liberdade e autonomia no trabalho, sem intervenção do Estado, seu desmonte, sua alienação, sua destruição em esferas familiar, física e emocional, tornando-se seu próprio concorrente de produtividade. No entanto, Loach demonstra a persistência destrutiva do modelo vigente hegemônico de incapacitar indivíduos para o ganho de uma pequena parcela social: os donos dos meios de produção. Portanto, o objetivo central do trabalho consiste em buscar os elementos narrativos que poderiam ser sintetizados na dupla

pergunta: o que o filme *Você não estava aqui* diz sobre as relações de subjetivação e trabalho na pós-modernidade? E como diz?

Nesse sentido, a seguir, é apresentada uma breve contextualização da trajetória de Ken Loach e uma síntese do filme *Você não estava aqui* para, em seguida, serem apresentadas as reflexões embasadas nos conceitos indicados e, por fim, abordar alguns encaminhamentos finais.

2 O filme *Você não estava aqui*, de Ken Loach

O filme mais recente de Ken Loach, *Você não estava aqui* (2019), é mais uma obra que marca o caráter político já conhecido em suas produções, nas quais os protagonistas são quase sempre pertencentes à classe trabalhadora inglesa ou britânica. Críticos – como Fuller (1998) –, quando se referem ao trabalho de Loach, têm chamado de “naturalismo rigoroso” o poder que tais obras abordam a construção de uma importante descoberta formal para a análise de regimes de trabalho contemporâneos, cuja novidade no tecer da vida cotidiana os filmes ajudariam a articular. Tal avaliação se constitui à noção de naturalismo de Brecht, sistematizada por Soares (2019), como sendo a etapa em que a preocupação da dramaturgia moderna é desenvolver uma pesquisa a respeito do problema de criar formas de cultura e de expressão artística baseadas na perspectiva da classe trabalhadora e na rejeição de explicações metafísicas da vida social.

Ken Loach, nascido em 1936, em Warwickshire, Inglaterra, é um cineasta empenhado em abordar temas políticos com base marxista – influência de sua formação em Direito, na Universidade de Oxford, participação em grupos teatrais universitários e sua proximidade com o Partido Comunista, de caráter antistalinista – e aprofundar os debates sobre as injustiças sociais, sobretudo, acerca da destruição de políticas que atacam o bem-social, como destaca Maria (2010). Em 2006, recebeu o prêmio *Palme d'or* do Festival de Cannes por *Ventos de Liberdade*. Em 2016, recebeu sua segunda *Palme d'or*, por *Eu, Daniel Blake*. *Você não estava aqui* é seu 30º filme.

Em *Você não estava aqui*, Loach apresenta um drama que explora as consequências mais íntimas das novas dinâmicas de trabalho autônomo. Essa perspectiva começa ao acompanharmos a entrada de um homem de meia idade Ricky Turner (Kris Hitchen) em uma empresa de entrega de mercadorias. Ricky é casado com Abby Turner (Debbie Honeywood) com quem tem dois filhos adolescentes: Seb – um garoto que acaba, em uma cena já na complicação da narrativa, detido pela polícia e suspenso da escola – e Liza – uma garota afetuosa que sente, diante dos conflitos na família, culpa e impotência na tentativa de ajudar. A esposa, Abby, também trabalha de modo informal, como horista (recebendo apenas pela hora trabalhada sem garantias trabalhistas), exercendo a tarefa de cuidadora de doentes a domicílio. Abby chega a trabalhar até 14 horas por dia, quando o patrão a chama, cuidando de pessoas com mobilidade reduzida e idosos que não conseguem ir ao banheiro ou fazer

refeições sozinhos. Alguns de seus clientes já tem uma relação a longo prazo como cuidadora, mas, ao longo do filme, há a demonstração da insegurança de Abby de não ter controle sobre quantas horas poderá fazer no dia e até quando terá o emprego, pois nunca sabe quando o cliente poderá lhe trocar por outra cuidadora ou deixar de precisar dos serviços. Essa contínua insegurança, promovida pela falta de garantia trabalhista e vínculo empregatício, é percebida na personagem durante toda a trama, assim como na vida de inúmeros trabalhadores desse mesmo modo de trabalho. Esse sentimento ainda produz uma maior dedicação e dependência com o trabalho, pois, caso Abby se recuse, em algum dia, cuidar de alguma cliente ou cometa algum erro, por menor que seja, pode ser substituída facilmente por outra e, perdendo o cliente, não tem nenhuma garantia de estabilidade ou auxílio-seguro.

O protagonismo, entretanto, recai no personagem Rick, o qual, a partir da indicação de um amigo, vê no trabalho como autônomo, em uma empresa de entrega, a possibilidade de sair do desemprego. Apesar do discurso do chefe voltado para a liberdade, como “você fará o seu próprio horário de trabalho”, “você decidirá quanto receberá ao mês, pois ganhará conforme as entregas realizadas”, as exigências a Rick acabam sendo inúmeras, exaustivas e sem nenhum direito: prazos de entrega inatingíveis, impossibilidade de fazer intervalo (nem para almoçar e ir ao banheiro), desconto salarial para o aluguel e conserto do meio de trabalho utilizado na entrega (van). A qualidade do trabalho é avaliada, pelo cliente, a partir da rapidez nas entregas, o que torna a dependência as exigências do trabalho ainda mais incisivas. A ilusão do discurso de independência, autonomia e retorno financeiro vai se desmanchando quando Ricky, mesmo exercendo todas as atividades com disposição e responsabilidade, não consegue conciliar tempo com a família e só consegue receber o valor que paga despesas mais básicas de alimentação e moradia. Com a condição precária e com seu tempo dedicado exclusivamente ao trabalho, começam os conflitos familiares: sobrecarga à esposa com tripla jornada de trabalho – casa, filhos e cuidadora de idosos -, evasão escolar do filho adolescente, abalos psicológicos nos filhos que sentem ausência de momentos em família e, ao mesmo tempo em que os conflitos com os filhos chegam, Rick se percebe agindo de forma impaciente e agressiva.

“Sorry, we missed you”, título original, se dá a partir da mensagem padrão deixada pelos entregadores quando não encontram o destinatário em casa. O recado traduz um sentimento revelado na relação da família com Ricky e consigo mesmo que se percebe desmanchando-se pelo trabalho, uma ausência de si, um afastamento de si mesmo como um produto a serviço da empresa. Porém, mesmo assim, até o final do filme, diante do máximo de conflitos com a família e com problemas físicos e emocionais, o protagonista segue trabalhando. Tal como Ricky no fim do filme que, em estado mental instável e ferido fisicamente, ainda sai para trabalhar, muitas pessoas, trabalhadores informais e autônomos, não podem se dar ao luxo de parar, uma

vez que, sem amparo dos (vínculos) com as empresas – e com governo –, correm o duplo risco de morrer: senão doentes, de fome.

3 A questão do sujeito pelo/no trabalho

Pela narrativa, a obra nos indaga sobre as formas de poder muito sutis, porém nefastas, do neoliberalismo, o que Foucault (2008, p. 40) discute ser uma nova “arte de governar”, a qual é regida pelo mínimo – sua governamentalidade não se preocupa em lidar com indivíduos, mas com fenômenos políticos – e este é o princípio de manutenção do seu poder. Com esse afastamento do Estado e a hiperconectividade, crescem os discursos autoempreendedores, “seja seu próprio chefe”, característicos da era da uberização. A centralização no indivíduo, assim como com Ricky, constrói uma ilusória ideia de liberdade de escolha. Como apresenta Foucault, o neoliberalismo se alimenta de criar falsas liberdades. Cria liberdades, consome liberdades e controla liberdades:

A nova razão governamental necessita, portanto, de liberdade e a nova arte governamental consome liberdade. Consome liberdade, ou seja, é obrigada a produzi-la. E, obrigada a produzi-la, é obrigada a organizá-la. A nova arte governamental vai se apresentar como gestora da liberdade, não no sentido do imperativo "seja livre", com a contradição imediata que esse imperativo pode trazer. Não é o "seja livre" que o liberalismo formula. O liberalismo formula simplesmente o seguinte: vou produzir o necessário para tornar você livre. Vou fazer de tal modo que você tenha a liberdade de ser livre (FOUCAULT, 2008, p. 85).

Com isso, Foucault nos apresenta que, embora o liberalismo não imponha a liberdade de forma explícita, ele organiza as condições gerais e, a partir disso, é que se instaura uma relação problemática entre a produção da liberdade e aquilo que, produzindo-a, pode vir a limitá-la e a destruí-la. Esse liberalismo, como nova arte de governar implica, nas palavras de Foucault (2008, p. 87), “uma relação de produção/destruição com a liberdade. É necessário, de um lado, produzir a liberdade, mas esse gesto mesmo implica que, de outro lado, se estabeleçam limitações, controles, coerções, obrigações apoiadas em ameaças”. No filme de Loach, essas obrigações ficam visíveis com a experiência do entregador em perceber que a liberdade de fazer seu horário é conduzida pela necessidade de trabalhar o maior número de horas possíveis, sendo que o retorno financeiro vai, na maior parte, para a empresa e aplicativo de entregas. A relação está, então, de que o neoliberalismo e a sua prática de governamentalidade não aceita toda e qualquer liberdade, pois o liberalismo se propõe a fabricá-la a cada instante, suscitá-la.

Foucault (2008), neste aspecto, ainda disserta sobre como a liberdade dos trabalhadores não pode se tomar um perigo para a empresa e para a produção. Nessas relações de poder, os acidentes individuais (doença, velhice)

não podem constituir um perigo nem para os indivíduos e nem para a sociedade, pois essa aparente liberdade garante a segurança do *status quo*. O alerta que o autor faz é da consequência que essa arte de governar liberal traz a “formidável extensão dos procedimentos de controle, de pressão, de coerção; ao que vão constituir como que a contrapartida e o contrapeso das liberdades” (p. 197). Afinal, o valor pago pela manutenção da vida, como alimentação e moradia, como expresso no filme – e vivenciado, por nós, diariamente – aumentam e, para conseguir suprir essas necessidades básicas, o trabalhador é obrigado a trabalhar ininterruptamente, garantindo a sua sobrevivência e a segurança do sistema que se alimenta dessa liberdade trabalhista. Nesse cenário, a única política social verdadeira e fundamental existente é, conforme Foucault (2008), o crescimento econômico.

A forma fundamental da política social não deve ser algo que viria contrabalancear a política econômica e compensá-la; a **política social** não deveria ser tanto mais generosa quanta maior o crescimento econômico. O crescimento econômico é o que, por si só, **deveria** permitir que todos os indivíduos alcançassem um nível de renda que lhes possibilitasse os seguros individuais, o acesso à propriedade privada, a capitalização individual ou familiar, com as quais poderiam absorver os riscos. Mas, não é o que acontece (FOUCAULT, 2008, p. 198 – grifos da autora).

Assim, percebe-se o impacto do discurso ao trabalhador informal, como apresentado por Loach, em que a vida do trabalhador se sobrepõe à vida individual, se unifica e o protagonista é conduzido a se sentir parte da empresa, é chamado, inclusive, em uma das cenas, pelo chefe para receber o título de “colaborador”, o que significa, em tese, somente o aumento de maiores exigências. Ainda, Foucault (2008) expõe, nessa rede de dispositivos de controle em torno da biopolítica, a vida do indivíduo tem de se inscrever como vida individual em um âmbito de grande empresa ou de uma multiplicidade de empresas diversas encaixadas e entrelaçadas que estão próximas para o indivíduo, que ele se sinta como parte dela. Desse modo, a empresa, limitada em seu tamanho, serve para que a “ação do indivíduo, suas decisões, suas opções possam ter efeitos significativos” (FOUCAULT, 2008, p. 201), o que vai de encontro ao modo de exploração apresentado por Marx (2010), nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, que se dá pelo fenômeno do *trabalho estranhado*. Embora sejam duas formas de exploração de relações trabalhistas, suas consequências para o indivíduo explorado sejam semelhantes, Marx apresenta que cada vez que o trabalhador se dedica mais ao trabalho, o mundo objetivo fica mais alheio a ele. Ao produzir, o trabalhador produz, na perspectiva marxista, não só a mercadoria, mas a si mesmo, se transforma na mercadoria. Marx chama esse fenômeno de *desejetivação* do trabalhador, uma desumanização por não se sentir parte do trabalho, por se sentir distante:

A *objetivação* do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, se torna uma coisa que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil, estranha (MARX, 2010, p. 81).

Assim, o contato com o produto, naquele contexto, é mínimo ou inexistente. O trabalhador não se sente engajado com a tarefa e, desse modo, ocorre a alienação com o produto: “o indivíduo não reconhece o trabalho como parte de si, mas um mal necessário para conquistar seu salário, que lhe dá condições de existência” (MARX, 2010, p. 82).

Já no neoliberalismo, pela análise foucaultiana, a relação é de pertencimento e de sua importância para a sustentação da empresa, logo, do sistema. Foucault (2008) ainda apresenta que essa teia, estabelecida em uma empresa, precisa oferecer possibilidades para o trabalhador, isto é, que esses espaços possíveis de trabalho possam ser bastante numerosos “para que ele [o trabalhador] não fique dependente de uma só; e, enfim, a própria vida do indivíduo - como sua relação com a propriedade privada, com a sua família, com o casamento, com os seus seguros e com sua aposentadoria – tem de fazer dele mesmo uma espécie de empresa” (FOUCAULT, 2008, p. 331).

Os neoliberais procuram pensar, no contexto do problema do trabalho, não mais do ponto de vista do capital ou do ponto de vista da mecânica e do processo econômico, como na análise marxista, mas sim, conforme afirma Foucault (2008), do ponto de vista de quem toma a decisão de trabalhar. Com esse olhar, o autor destaca que, ao se passar para o lado do sujeito individual pode causar a impressão de importância, mas, pelo contrário, esse olhar ao sujeito não se dá com um conteúdo antropológico, psicológico. Só passam para o lado do sujeito na medida em que se pode tomá-lo pelo viés, pelo aspecto de rede de inteligibilidade do seu comportamento que faz que seja um comportamento econômico.

Aqui, trazemos a relação com o conceito de *homo oeconomicus*, desenvolvido por Foucault, no seu curso no Collège de France (1978-1979). Conforme o autor, o que interessa, como projeto social, na ação neoliberal, é o *homo oeconomicus*, isto é, a ação governamental considera o sujeito como *homo oeconomicus*. Isso não implica uma assimilação antropológica de todo comportamento, qualquer que seja, a um comportamento econômico. Significa somente, conforme o autor (FOUCAULT, 2008, p. 345), que o recorte do sujeito que interessa governar, adotada para analisar o comportamento do indivíduo é essa, ou seja, “a superfície de contato entre o indivíduo e o poder que se exerce sobre ele e, por conseguinte, o princípio de regulação do poder sobre o indivíduo” vai ser esse recorte: o *homo oeconomicus*. “*Homo oeconomicus* é a interface do governo e do indivíduo. E isso nao quer

dizer de forma alguma que todo indivíduo, todo sujeito, é um homem econômico” (FOUCAULT, 2008, p. 346).

Esse sujeito tona-se uma parte que interessa e é controlada pelo poder. Percebe-se, no âmbito do trabalho, a associação, como já indicada, com o conceito de exteriorização da perspectiva marxista. É na elaboração do mundo objetivo, que o homem se confirma, efetivamente, como *ser genérico*. Porém, “quando se arranca do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica – vida física e mental – (...) e reduz sua autoatividade. Portanto, a consciência do homem se transforma mediante o estranhamento” (MARX, 2010, p. 86). É aqui, que Marx insere a consciência de si, a qual pode se desenvolver a partir do estranhamento e como essa condição de distanciamento pode possibilitar o sentimento de inconstância pelo coletivo. A revolta e resistência é pela luta de classes.

Foucault (2014) analisa a construção de um sujeito com controle de si ao descrever os processos de subjetivação a partir de uma abordagem histórica (FOUCAULT, 2014). Diferente de Marx em que a consciência se constitui pelo estranhamento do trabalho e a consequente luta de classe – identificação da importância da consciência coletiva –, para Foucault (2014), a produção de um indivíduo com controle de si ocorre por meio do aprendizado, pelo monitoramento, pela vigilância. O indivíduo é condicionado na ordem jurídica, religiosa, reconhece o que o constitui para depois renunciar. Foucault (2014) indica que o conhecer implica renunciar. Ou seja, transformação em outro por meio da renúncia, tornando-se, pois, um produto da renúncia. Essa produção de si está no cerne associado a uma relação de poder. A renúncia é um processo de subjetivação materializado pelo ato de dizer, pela desobediência (FOUCAULT, 2009). Nessa perspectiva, não há uma anulação do sujeito, mas a formação de um outro, que se desloca como emancipatório.

Agamben (2000), ao refletir sobre os processos de subjetivação defendidos por Foucault, afirma que “o Estado é uma máquina de dessubjetivar, isto é, que quebra todas as identidades clássicas e, ao mesmo tempo, é como uma máquina de recodificar as identidades dissolvidas” (2000, p. 5). Percebemos isso, em *Você não estava aqui*, quando, na situação de desemprego do protagonista Ricky, já dissolvida a sua identidade para uma local à margem da sociedade produtiva – sem seu *homo oeconomicus* ativo –, encontra, em um discurso da ordem trabalhista de aparente liberdade – dinâmica conduzida e pré-formatada pelo Estado – a oportunidade de benefício, crescimento. O sujeito, ali, encontra uma reidentificação, de desempregado a parte essencial, importante ao trabalho; porém vai, rapidamente, se desmanchando enquanto vida pública e privada, contrai doenças psíquicas e físicas no trabalho, conflitos familiares que implicam em consequências também para os sujeitos que o cercam na formação de capital humano (FOUCAULT, 2008, p. 334). Conforme Agamben (2000), “há sempre uma ressubjetivação, uma reidentificação desses sujeitos destruídos, desses sujeitos vazios de toda identidade” (p. 5).

Por fim, ainda se acrescenta à reflexão, acerca processo de subjetivação, o entendimento de Foucault (2004) sobre o conhecimento de si. Para o autor, saber e o poder operam sobre os indivíduos, constituindo-os enquanto sujeitos de saber e de poder, mas também tentando examinar como os sujeitos se constituem e se reconhecem a si mesmos. Isto é, todo saber implica determinada forma de poder e vice-versa, mas, também, segundo relação feita por Souza (2018), toda conduta humana – social por princípio – tem estas dimensões que, ao fim, Foucault completa com a investigação do comportamento ético: saber-poder-si.

Reconhecer, pois, o local de desespero que se ocupa enquanto condição de sujeito construída e limitada pelo Estado pode, conforme Agamben (2010, p. 28), citando Marx, converter-se em esperança: “a situação desesperada na sociedade na qual vivo, me enche de esperança”. De forma não tão pessimista, a esperança é dada aos desesperados.

4 Considerações finais

A possibilidade de leitura do filme *Você não estava aqui*, de Ken Loach, apresentada neste trabalho, não pretende trazer finitude a interpretações e a aprofundamentos. O cenário abordado na obra possibilita reflexões inúmeras sobre as relações de poder e processos de subjetivização. Logo, tal convergência entre governo, negócios em âmbito global e o desmanche do sujeito, representados por Loach, nos remete àquilo que parecia ser uma ilustração dos sistemas de poder teorizados por Foucault, ou seja, à esfera da economia, pois a uberização junto da flexibilização das legislações trabalhistas tem sido uma das “medidas de austeridade” para o enfrentamento do desemprego mais frequentes nas últimas décadas de hegemonia neoliberal.

Portanto, se mesmo nos países centrais do capitalismo, como apresentados no filme (Reino Unido), vive-se esse grau de precarização, o que temos nos países periféricos (ou de capitalismo tardio) como o Brasil é ainda mais dramático. No país, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)¹, a População em Idade de Trabalhar, com 14 anos ou mais, soma 172 milhões de pessoas e 106,1 milhões compõem a Força de Trabalho. Desse total, 93,7 milhões estão ocupadas e 12,3 milhões desocupadas. O nível de ocupação ficou em 54,5% no trimestre encerrado em fevereiro de 2021. Já os trabalhadores em situação de informalidade, que buscam qualquer tipo de renda, totalizaram, entre os meses de **março e maio de 2021**, aproximadamente **32 milhões de pessoas**.

É diante desse cenário de crise que Loach indica a contradições da sociedade do século XXI que pode ser compreendida como uma sociedade cujos habitantes “não se chamam mais *sujeitos da obediência*, mas sujeitos de

¹ Informações coletadas em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-03/informalidade-cai-mas-atinge-38-milhoes-de-trabalhadores> Acesso em: 12 Dez. 2020.

desempenho e produção” (HAN, 2017, p. 23). Nessa ótica, essa sociedade distancia-se de uma negatividade imposta pela proibição, para a positividade da promessa de um poder ilimitado, viabilizado pelas ideias de iniciativa, autonomia e motivação. Afinal, o atrativo discurso que se apresenta indica que somos donos de nossos projetos de futuro e perfeitamente capazes de torná-los realidade, a partir de nosso empenho. Como afirma Han (2017), estamos esgotados pelo paradoxal esforço de nos tornarmos nós mesmos nessa sociedade que fatalmente produz “*infartos psíquicos* pela pressão de *desempenho*, diante das premissas de responsabilidade própria e iniciativa pessoal perante o sucesso” (HAN, 2017, p. 27).

Portanto, é na sociedade da produtividade que o excesso de trabalho e desempenho, visível na obra analisada e nas nossas relações trabalhistas contemporâneas, acaba por culminar na autoexploração. A falta do vínculo como garantia, sem intervenção do Estado, desmancha o trabalhador – no filme, na função de entregador. O Estado neoliberal, ao exercer o poder, de modo mais ou menos sutil da imposição, sujeita o trabalhador a um local de ressubjetivação ou de reidentificação.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Uma biopolítica menor. **Vacarme**, n. 10, 2000. Disponível em: <http://www.vacarme.org/article255.html>. Acesso em: 19 Jun. 2021.
- HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FOUCAULT, M. Verdade, poder e si mesmo. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 294-300.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no College de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2 ed. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. As técnicas de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 264-296.
- FULLER, G. **Loach on Loach**. London: Faber and Faber, 1998.
- GALEANO, E. **Espelhos**: uma história quase universal. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- LAURELL, A. A saúde-doença como processo social. In: NUNES, E. D. (Org.). **Medicina social**: aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global, 1983, p. 133-158.

MARIA, C. **O cinema de Ken Loach e a refuncionalização de materiais estético-políticos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-29112010-114154/pt-br.php>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MARX, K. **Manuscrtos Econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

ROCHA, C. Educação linguística na liquidez da sociedade do cansaço: o potencial decolonial da perspectiva translíngua. *D.E.L.T.A.*, v. 35, n. 4, p. 1-39, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502019000400402. Acesso em: 18 jun. 2021.

SOARES, M. O trabalho colaborativo no cinema de Ken Loach. **Ilha Desterro** [online]. 2019, v.72, n.1, pp.251-263. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/BCKvrLW3dS3JLN9KyKyrgvQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA, P.; FURLAN, R. A questão do sujeito em Foucault. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/154608>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Recebido em 1 de julho de 2021.

Aceito em 15 de outubro de 2021.

Publicado em 30 de novembro de 2021.

SOBRE A AUTORA

Sabrine Weber é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. É mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSC). É professora na Universidade do Estado do Mato Grosso. Dedicar-se a estudos na área da Linguística Aplicada pelas perspectivas da Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso, sobre temas como: populismo digital e pós-verdade; análise de práticas discursivas em contextos específicos, teoria e análise crítica de gêneros discursivos, letramentos e metodologias de leitura, escrita e reescrita de textos.

E-mail: sabrinegweber@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5708-0759>